

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Visão

Class.: 02

Data: 31/10/90

Pg.: _____

WASHINGTON NOVAES



Os povos invisíveis

Num livro publicado em 1986, o coronel Altino Berthier Brasil, que ainda recentemente foi secretário nacional-adjunto do Meio Ambiente, conta que, na época da construção da BR 174 (Manaus-Caracará-Boa Vista), acabou conhecendo, em uma fazenda de que se tornara proprietário, um índio waimiri-atroari de nome

Tinkuã. Tinkuã era pajé. E um dia marcou um encontro à margem de um rio caudaloso com o coronel Altino que, surpreso, o viu entrar caminhando pelas águas,

desaparecer sob elas sem deixar "nenhuma borbulha de ar sobre a superfície da água" e reaparecer na outra margem uns 10 minutos depois, "em passos lentos e seguros" e com o corpo seco. Após alguns minutos de conversa, Tinkuã entrou de novo na água e saiu na outra margem, da mesma forma, e se foi.

Tinkuã, explica o coronel Altino em seu livro, era um pajé sacaca, que os waimiri-atroaris consideram uma espécie de intermediário privilegiado entre os seres humanos e o mundo dos espíritos — o primeiro degrau abaixo das grandes forças naturais. Por isso mesmo, um ser capaz de transformar-se no elemento em que estiver num dado momento — a água, o ar, a terra, o fogo. Daí, sua capacidade de mergulhar nas águas e reaparecer seco na outra margem.

Com essas e outras características semelhantes, a figura do pajé sacaca existe em muitos grupos indígenas brasileiros. Faz parte de sua visão de mundo e de seu cotidiano. E em geral habita lugares considerados sagrados, próximos dos sítios onde repousam os ancestrais desses povos.

Um desses lugares, no Xingu, foi recentemente ocupado por fazendeiros, que derrubaram toda a mata em torno da cachoeira onde sempre viveram os ancestrais de uma das nações mais preservadas em sua cultura naquela área: os waurás.

A um desses pajés sacaca os waurás atribuem sua salvação num momento crítico, quando foram assolados por doenças e pestes: o pajé sacaca deixou o lugar sagrado e foi à aldeia ensiná-los a trançar em tiras de bambu a figura do camaleão, para, com ela à cabeça, dançarem em homenagem ao sapukuyawá, um espírito que vive no fundo das águas. Quando insatisfeito, o sapukuyawá provoca doenças e outros males. E a dança do sapukuyawá é, até hoje, uma das

mais cuidadas entre os waurás. Mas agora os waurás estão em grande aflição. A área reservada aos espíritos ancestrais e aos pajés sacaca, embora lhes pertença imemorialmente, não faz parte do Parque Indígena do Xingu. E está sendo ocupada por fazendeiros. É uma parte de sua vida, sua cultura, sua tradição, que ameaça desaparecer, no momento em que eles tentam recuperar o que perderam culturalmente com a morte de seus líderes Malakuyawá e Ahula, ambos vitimados por doenças de brancos, nos últimos anos.

O waurá é um entre dezenas de grupos indígenas brasileiros que, nesta hora, tentam preservar seu território, seus costumes, seu modo de ser e de viver. E que nem chegam a ser notícia. A impressão é de que, equacionada a questão dos yanomâmis — que preocupa o Primeiro Mundo —, estará resolvido todo o problema indígena no Brasil.

Nesta mesma hora, os txukarramães se mobilizam para defender suas terras e seus lugares sagrados ao Norte do Xingu, igualmente ocupados por fazendeiros. E sequer se conseguem recursos para demarcar a reserva dos avá-canoeiros de Goiás — o chamado "povo invisível".

Os avá-canoeiros, depois de mais de cem anos de combates e massacres, chegaram a ser considerados extintos. Até mesmo porque decidiram não ter mais filhos (que morreriam a golpes de facão dos fazendeiros). E os poucos que restaram desapareceram dos olhos dos brancos. Só de uns poucos anos para cá se restabeleceu o contato e nasceram duas crianças avás.

Agora, os grupos avás não contactados do Nordeste de Goiás estão sob ameaça de confrontos com fazendeiros. Mas nem a Funai, nem o governo de Goiás, nem a Universidade Católica de Goiânia conseguem recursos para demarcar a área e estabelecer contato com o arredio "povo invisível".

Se algo não for feito, não tardarão as notícias de matanças e massacres. Como não vão demorar a aparecer notícias de confrontos entre os waurás e os fazendeiros, os txukarramães e os ocupantes de suas terras.

Quem vai se interessar por esses "povos invisíveis"?